

PRÓLOGO

Eram apenas uns miúdos. De 16 anos. Encorajados pelo álcool e apressados pela aproximação do sabat, abraçaram-se no meio da escuridão em busca do amor, mas só encontraram morte.

Soprava, invulgarmente, uma brisa leve. Pela primeira vez o ar estava quente, como a respiração contra a pele, suave e sedutora. Uma neblina ténue no céu de agosto encobria as estrelas, mas a lua a três quartos, derramava a sua luz pálida e brilhante por cima da areia compactada pela maré que vazava. O mar respirava suavemente sobre a costa, a espuma fluorescente a rebentar em bolhas prateadas sobre a areia dourada. O jovem casal percorreu apressadamente a estrada de alcatrão que ligava a praia à povoação cimeira, com o sangue a pulsar-lhes na cabeça como se fosse o bater das ondas.

À esquerda, o subir e descer da água sobre o minúsculo porto quebrava o reflexo do luar à superfície e eles ouviam os pequenos barcos a ranger quando esticavam as cordas, ouviam o suave bater da madeira com madeira enquanto se debatiam por espaço, acotovelando-se amigavelmente no meio da escuridão.

Uilleam segurou a mão dela na sua, pressentindo a relutância da rapariga. Saboreou a doçura do álcool na respiração dela, sentiu a urgência no seu beijo e soube que ela cederia finalmente naquela noite. Mas o tempo era escasso. O sabat estava próximo. Demasiado próximo. Restava-lhes apenas meia hora; foi o que lhe revelou o olhar de relance que dirigiu ao relógio antes de deixarem as luzes da rua para trás.

Ceit estava agora a respirar muito depressa. Tinha medo, não do sexo, mas do pai, que sabia que a esperava em frente à lareira, a

observar as brasas de carvão a esmorecer à medida que a meia-noite se aproximava, sincronizadas na perfeição para se apagarem quando o dia chegasse ao fim. Podia quase sentir a impaciência do pai, que se transformava lentamente em fúria, enquanto o relógio se aproximava do dia seguinte sem que ela tivesse regressado a casa. Como era possível que as coisas tivessem mudado tão pouco naquela ilha temente a Deus?

Os pensamentos povoavam a sua cabeça, lutando com o desejo que ali se alojara por um pouco de espaço, tentando ultrapassar o efeito do álcool, que entorpecera a resistência jovial de Ceit. Ainda há poucas horas, a noite de sábado passada no clube local parecia estender-se até à eternidade. Mas o tempo nunca passa tão depressa como quando é escasso. E agora, estava praticamente esgotado.

O pânico e a paixão erguiam-se juntos dentro do seu peito quando passaram pela sombra de um velho barco de pesca tombado de lado sobre as pedras da beira-mar. Emoldurada pelas janelas sem vidros, conseguiram ver a praia mais além, através da abertura do abrigo de betão para barcos. O mar parecia estar iluminado por dentro, quase luminoso. Uilleam soltou-lhe a mão e esgueirou-se pela porta de madeira, aberta apenas o suficiente para os deixar entrar. E puxou-a atrás de si. O interior do abrigo estava escuro. Um cheiro fétido e combustível, água salgada e algas impregnava o ar, como o triste perfume do sexo juvenil apressado. Por cima deles pairava a sombra negra de um barco preso a uns carris, com duas pequenas janelas retangulares abertas como vigias sobre a praia.

Ele encostou-a a uma parede e ela sentiu imediatamente a boca dele contra a sua, a língua a abrir passagem entre os seus lábios e as mãos a apertarem-lhe os seios macios. Estava a magoá-la, e Ceit empurrou-o.

— Com tanta força não. — A sua respiração parecia troar na escuridão.

— Não há tempo.

Sentiu a tensão na voz dele. Uma tensão masculina, plena de desejo e ansiedade. Naquele momento, começou a ter dúvidas. Será mesmo assim que quer que seja a sua primeira vez? Um punhado de momentos sórdidos roubados na escuridão de um abrigo para barcos?

– Não. – Empurrou-o e afastou-se em direção a uma janela, à procura de ar puro. Se fossem rápidos, ainda conseguiriam chegar a casa antes da meia-noite.

Viu o vulto negro deslizar para fora da escuridão quase ao mesmo tempo em que o sentiu. Suave, frio e pesado. Deu um grito involuntário.

– Por amor de Deus, Ceit! – Uilleam foi atrás dela, com a frustração misturada com o desejo e a ansiedade, mas os pés fugiram-lhe debaixo do corpo, como se estivesse a pisar gelo. Aterrou pesadamente sobre um cotovelo e uma dor aguda percorreu-lhe o braço. – Merda! – O chão estava molhado com combustível. Sentiu-o a encharcar os fundilhos das calças. E as mãos. Sem pensar, levou a mão ao bolso e pegou no isqueiro. A porcaria da luz não era suficiente para ver nada. Só quando o polegar fez girar a pedra do isqueiro e a faísca surgiu é que lhe ocorreu que estava no perigo iminente de se transformar numa tocha humana. Mas já era demasiado tarde. A luz surgiu súbita e espantosamente no meio do negrume. Uilleam preparou-se. Mas não houve ignição dos vapores do combustível, não houve um clarão repentino nem chamas ardentes. Apenas uma imagem tão profundamente chocante, que era impossível de compreender à primeira vista.

O homem estava pendurado pelo pescoço nas traves do abrigo, com uma corda de plástico cor de laranja já esgaçada a obrigar a sua cabeça a assumir um ângulo impossível. Era um homem grande, estava completamente nu, com carnes azuladas e esbranquiçadas a pender-lhe em dobras do peito e das nádegas, como se fosse um fato dois tamanhos acima. Voltas de qualquer coisa suave e brilhante pendiam-lhe por entre as pernas, saídas de um sorriso aberto que lhe rasgava a barriga de um lado ao outro. A chama fez com que a sombra do defunto dançasse em redor das paredes chamuscadas e riscadas do abrigo, como se fosse um punhado de fantasmas a dar as boas-vindas ao recém-chegado. Para lá dele, Uilleam viu o rosto de Ceit. Pálido, de olhos escuros, imóvel no terror. Por um absurdo instante, pensou que a poça que o rodeava devia ser de combustível agrícola, tingido de vermelho pelas Finanças para identificar a sua condição livre de impostos – isto foi antes de se aperceber de que era sangue, pegajoso, espesso e já a tingir as suas mãos de castanho.

1

I

Era tarde e estava um calor abafado que só se sentia em épocas festivas. Fin estava com dificuldades em concentrar-se. A escuridão do pequeno escritório oprimia-o, como um par de mãos grandes, negras e suaves que o mantinha preso à cadeira. O círculo de luz que o candeeiro da secretária emitia queimava-lhe os olhos, atraindo-o como uma traça, e cegando-o de tal forma que sentia dificuldade em ver claramente as anotações. O computador zunia suavemente na quietude e o ecrã tremeluzia ao alcance da sua visão periférica. Há horas que já devia ter ido para a cama, mas era imperativo terminar primeiro o ensaio que estava a escrever. A Universidade Aberta proporcionava-lhe a sua única escapatória e ele andara a procrastinar. Idiota.

Ouviu um movimento atrás de si e virou-se na cadeira, zangado, à espera de ver Mona. Mas as palavras de reprimenda nunca chegaram a surgir. Em vez disso, deu por si a olhar para cima com espanto para um homem tão alto, que nem conseguia estar direito. A cabeça estava curvada para um dos lados, para evitar bater no teto. Aquelas salas não eram grandes, mas o homem devia ter dois metros e tal. As pernas eram muito compridas e as calças escuras amontoavam-se em dobras em

volta das botas pretas. Usava uma camisa de xadrez por dentro das calças com cinto e, por cima, um corta-vento, com a gola levantada e o capuz caído para trás. Os braços caíam-lhe ao lado do corpo e as mãos saíam das mangas demasiado curtas. Aos olhos de Fin, o homem parecia ter cerca de 60 anos e um rosto enrugado, lúgubre, com uns olhos negros e inexpressivos. O cabelo grisalho era comprido, oleoso e chegava-lhe abaixo das orelhas. Não disse uma palavra. Limitou-se a ficar ali de pé a fitar Fin, com sombras negras esculpidas nas feições de pedra pela luz do candeeiro da sua secretária. O que estaria ele ali a fazer? Fin ficou com os pelos dos braços e da nuca eriçados e sentiu o medo a envolvê-lo como uma luva, prendendo-o nos seus dedos.

Depois, algures à distância, ouviu a sua própria voz a choramingar, como uma criança no escuro.

– Homem do Saco... – O homem continuava a fitá-lo. – Está ali o Homem do Saco...

– O que foi, Fin? – Era a voz de Mona. Estava assustada e abanava-o, enquanto o segurava pelo ombro.

Mesmo quando abriu os olhos e viu o rosto assustado, perplexo e ainda inchado do sono de Mona, ouviu-se choramingar:

– O Homem do Saco...

– Por amor de Deus, o que se passa?

Ele virou-lhe as costas, a respirar pesadamente, tentando recuperar o fôlego. Tinha o coração a bater descompassadamente.

– Foi só um sonho. Um pesadelo. – Mas a memória do homem no seu escritório estava ainda muito viva, como um pesadelo de criança. Olhou para o relógio da mesa de cabeceira. O ecrã digital indicava que passavam sete minutos das quatro da manhã. Fin tentou engolir, mas tinha a boca seca e percebeu que não iria conseguir adormecer novamente.

– Pregaste-me um susto de morte.

– Desculpa. – Afastou os cobertores para trás e balançou as pernas para fora da cama. Fechou os olhos e esfregou o rosto, mas o homem continuava lá, a queimar-lhe as retinas. Levantou-se.

– Onde vais?

– Vou à casa de banho. – Caminhou suavemente pela alcantifa e abriu a porta que dava para o corredor. O luar espalhava-se pelo chão, geometricamente dividido pelas janelas a imitar o estilo eduardino. A meio do corredor, passou pela porta que dava acesso ao escritório. O interior estava completamente escuro e Fin estremeceu ao pensar no homem alto que lhe invadira o sonho. A imagem mantinha-se tão clara e forte na sua cabeça. Que presença tão poderosa. Hesitou ao chegar à porta da casa de banho, como fazia todas as noites desde há quase quatro semanas atrás e os seus olhos foram atraídos pela divisão ao fundo do corredor. A porta estava completamente aberta, com o luar a inundar o espaço para lá dela. As cortinas deveriam estar corridas, mas não estavam. Lá dentro, existia apenas um terrível vazio. Fin virou costas, com o coração despedaçado e suor frio a cobrir-lhe a testa.

O jorro de urina que atingiu a água encheu a casa de banho com o reconfortante som da normalidade. Era sempre no meio do silêncio que a depressão de Fin surgia. Mas, naquela noite, o vazio habitual estava ocupado. A imagem do homem do corta-vento desalojara qualquer outro pensamento, como um cuco que enchia o ninho. Fin questionava-se agora se o conhecia, se havia alguma coisa familiar no rosto comprido e no cabelo disperso. Lembrou-se subitamente da descrição que Mona dera à Polícia do homem no carro. Ela achava que o homem usava um corta-vento. Tinha cerca de 60 anos e cabelo comprido, oleoso e grisalho.

II

Apanhou o autocarro para a cidade e observou as filas de casas de pedra cinzenta que deslizavam do outro lado da janela como as imagens trémulas de um entediante filme monocromático. Podia ter ido de carro, mas Edimburgo não era uma cidade onde se andasse voluntariamente de carro. Quando chegou a Princess Street, a nuvem quebrara-se, e o sol varria os extensos relvados dos jardins do castelo com ondas de luz. Os espetadores de um festival reuniam-se em redor de um grupo de artistas de rua que engoliam fogo e faziam malabarismos com mocas. Uma banda de *jazz* tocava nas escadas de uma galeria de arte. Fin saiu em Waverly Station e atravessou as pontes até à cidade velha, encaminhando-se para sul, passando pela universidade, antes de virar para este em direção às sombras de Salisbury Crags. Os raios de sol inclinavam-se sobre a encosta relvada, que se erguia até aos penhascos que dominavam o horizonte, por cima do quartel-general da divisão de Polícia da cidade.

Num dos corredores cimeiros, rostos familiares acenavam, cumprimentando-o. Alguém lhe pousou a mão no braço enquanto dizia:

– Lamento muito a tua perda, Fin.

Fin limitou-se a acenar com a cabeça.

O diretor Black mal levantou os olhos da papelada na qual estava a trabalhar e acenou com a mão em direção a uma cadeira do outro lado da secretária. Tinha o rosto magro, com uma pele pastosa, e estava a mexer em alguns papéis com os dedos manchados de nicotina. Quando se virou finalmente para Fin, o seu olhar tinha uma expressão de falcão.

– Como vai a Universidade Aberta?

Fin encolheu os ombros.

– Vai bem.

– Nunca te perguntei porque desististe da universidade quando lá andaste. Foi em Glasgow, não foi?

Fin acenou com a cabeça.

– Porque era muito novo, chefe. E estúpido.

– E porque é que vieste para a polícia?

– Era o que se fazia naquela altura quando se vinha das ilhas e não se tinha trabalho nem qualificações.

– Então conhecias alguém cá dentro, era?

– Conhecia algumas pessoas.

Black olhou para ele pensativamente.

– Tu és um bom Polícia, Fin. Mas não é isto que queres fazer, pois não?

– É o que eu sou.

– Não, é o que foste. Até há um mês atrás. E quanto ao que aconteceu, bem, foi uma tragédia. Mas a vida continua e nós continuamos com ela. Toda a gente entendeu que precisavas de tempo para fazer o teu luto. Sabe Deus que nesta profissão já vimos morte suficiente para entender isso.

Fin olhou para ele com ressentimento.

– O chefe não faz ideia do que é perder um filho.

– Pois não. – Não havia a mais pequena centelha de solidariedade na voz de Black. – Mas já perdi pessoas que me eram muito próximas e sei que temos de nos limitar a lidar com isso. – Colocou as mãos em frente a si, como se estivesse a orar. – Mas estar sempre a matutar no assunto, bem, isso não é saudável, Fin. É mórbido. – Comprimiu os lábios. – Por isso, está na hora de tomares uma decisão sobre o que vais fazer com o resto da tua vida. Até a tomares, e a não ser que tenhas uma justificação médica convincente que o impeça, quero-te de regresso ao trabalho.

A pressão para que regressasse ao trabalho estava a acumular-se. Da parte de Mona, dos colegas que iam ligando, dos amigos que o aconselhavam. Fin andava a resistir-lhe, porque

não fazia ideia de como poderia voltar a ser a pessoa que era antes do acidente.

– Quando?

– Imediatamente. Hoje.

Fin ficou chocado. Abanou a cabeça.

– Preciso de algum tempo.

– Já tiveste tempo, Fin. Ou voltas, ou pedes a demissão. – Black não esperou que ele lhe respondesse. Estendeu a mão até ao outro lado da secretária e pegou numa pasta que estava numa pilha de ficheiros. A seguir, fê-la deslizar em direção a Fin. – Lembras-te do assassinato de Leith Walk, em maio?

– Sim. – Mas Fin não abriu a pasta. Não era preciso. Lembrava-se perfeitamente do corpo despido pendurado numa árvore, à chuva, entre a igreja de Pentecostes e o banco. Um cartaz na parede anunciava: *Jesus é a Salvação*. Fin recordava-se de ter pensado que aquilo parecia um anúncio do banco e que deveria dizer: *Jesus é a Salvação no Banco da Escócia*.

– Houve outro – disse Black. – Com um *modus operandi* semelhante.

– Onde?

– Lá para cima. Pertence à Divisão Norte. Apareceu referenciado no computador HOLMES. Na verdade, foi o HOLMES que sugeriu que fosses destacado para o inquérito. – Pestanejou com as pestanas longas e olhou para Fin com uma expressão que sugeria ceticismo. – Ainda falas a língua, não falas?

Fin ficou surpreendido.

– Gaélico? Não falo gaélico desde que saí da Ilha de Lewis.

– Então é melhor começares a praticar. A vítima é da tua terra.

– De Crobost? – Fin sentiu-se atordoado.

– Era um par de anos mais velho do que tu. Chamava-se... – consultou uma folha que tinha à sua frente. – ... Macritchie. Angus Macritchie. Conheces?

Fin acenou com a cabeça.

III

O sol que entrava pela janela da sala de estar parecia repreendê-los pela sua infelicidade. Partículas de pó pairavam pelo ar parado, presas pela luz. Conseguiram ouvir o som de crianças a jogar à bola lá fora. Há poucas semanas, Robbie poderia estar na rua com eles. O tiquetaque do relógio da lareira pontuava o silêncio que se entendia entre ambos. Mona tinha os olhos vermelhos, mas as lágrimas já tinham secado e agora eram substituídas por fúria.

– Não *quero* que vás. – Este tinha-se tornado no seu refrão para toda a discussão.

– Ainda esta manhã *querias* que eu voltasse ao trabalho.

– Mas queria que voltasses para casa no fim do dia. Não quero estar para aqui sozinha durante semanas a fio. – Inspirou profundamente, trémula. – Com as minhas recordações. Com... com...

Talvez nunca tivesse conseguido encontrar palavras para acabar a frase. Mas Fin intercedeu e acabou-a por ela.

– Com a tua culpa? – Nunca tinha dito que a culpava pelo sucedido. Mas era verdade. Embora tentasse com todo o coração não o fazer. Ela atirou-lhe um olhar de tal forma inundado de dor, que Fin se arrependeu imediatamente de ter falado. Acrescentou: – De qualquer maneira, são só alguns dias. – Passou os dedos pelo cabelo louro de caracóis apertados. – Achas mesmo que quero lá ir? Passei dezoito anos a tentar evitá-lo.

– E agora agarras a primeira oportunidade que te aparece. A oportunidade de fugir. E de te afastares de mim.

– Oh, não sejas ridícula. – Mas sabia que ela tinha razão. Também sabia que não era apenas de Mona que queria fugir. Era de tudo. Queria voltar para o lugar onde outrora tudo parecera simples. Queria regressar à infância, ao ventre. Era tão

fácil ignorar agora que passara a maior parte da vida adulta a evitar este regresso. Era fácil esquecer que quando era adolescente nada lhe parecera mais importante do que partir.

Lembrava-se de como tinha sido fácil casar-se com Mona, por todos os motivos errados e mais algum. Porque precisava de companhia. Porque precisava de uma desculpa para não regressar. Mas, em catorze anos, a única coisa que tinham conseguido construir fora uma espécie de acomodação, um espaço que cada um deles abriu na sua vida e que o outro deveria ocupar. Um espaço que ocupavam juntos mas que nunca chegavam a partilhar. Tinham sido amigos. Tinham tido um carinho genuíno um pelo outro. Mas Fin duvidava de que alguma vez tivesse existido amor. Amor verdadeiro. Como acontecia com tantas pessoas, eles pareciam ter-se contentado com o melhor que se podia arranjar. Robbie tinha sido a ponte que os unia. Mas o Robbie já não existia.

– Fazes alguma ideia de como estas últimas semanas têm sido para mim? – perguntou Mona.

– Provavelmente.

Ela abanou a cabeça.

– Não. Tu não tiveste de passar cada minuto com uma pessoa cujo silêncio te censura com gritos mudos. Sei que me culpas, Fin.

– Eu nunca disse isso.

– Nem precisaste de o dizer. Mas sabes que mais? Por muito que me culpes, eu culpo-me dez vezes mais. E eu também perdi um filho, Fin. Ele também era meu filho. – As lágrimas regressaram aos seus olhos, queimando-os. Fin não conseguiu falar. – Não *quero* que vás. – Voltou a controlar-se.

– Não tenho escolha.

– Claro que tens escolha. Há sempre uma escolha. Nestas últimas semanas, *escolbeste* não ir trabalhar. Podes *escolher* não ir para a ilha. Basta que lhes digas que não.

– Não posso.

– Fin, se entrares naquele avião amanhã... – Ele esperou pelo ultimato, enquanto ela reunia a coragem para o fazer. Mas não o fez.

– O quê, Mona? O que acontece se entrar no avião amanhã? – Estava a incitá-la a dizer as palavras. Se o fizesse, a culpa seria dela e não dele.

Ela desviou os olhos, sugando o lábio inferior e mordendo-o até sentir o sabor a sangue.

– Não esperes que esteja aqui quando regressares, mais nada.

Ele olhou para ela durante muito tempo.

– Talvez seja melhor assim.

O avião de dois motores e trinta e sete lugares estremeceu com o vento quando se inclinou para contornar Loch a Tuath, enquanto se preparava para aterrar na pista curta e varrida pela ventania do aeroporto Stornoway. À medida que furavam as nuvens baixas e espessas, Fin olhou para baixo e viu o mar escuro como ardósia a quebrar em ondas brancas sobre os dedos de rocha negra que se estendiam da península de Eye e o pedaço de terra escarpada ao qual chamavam A Ponta. Viu os padrões familiares esculpidos na paisagem, como as trincheiras, que tão bem caracterizaram a Grande Guerra, embora os homens as tivessem escavado para se aquecerem e não para se esconderem. Séculos de extração de carvão deixaram cicatrizes evidentes nos infindáveis hectares de paus desprovidos de qualquer outro sinal distintivo. Lá em baixo, a água da baía parecia estar fria, tocada pelo vento que a fustigava incessantemente. Fin já se tinha esquecido do vento, aquele assalto incansável que soprava através das três mil milhas do Atlântico. Para lá do abrigo do porto de Stornoway não havia praticamente árvore nenhuma na ilha.

Fin tentara não pensar durante o voo, que durou uma hora. Não queria imaginar como seria o regresso à ilha que o vira nascer, nem responder ao silêncio medonho que o invadira desde que saiu de casa. Mona passara a noite no quarto de Robbie. Ouvira-a chorar do outro lado do corredor enquanto fazia a mala. Quando a manhã chegou, saiu sem dizer uma palavra e, quando fechou a porta da frente atrás de si, sabia que não estava apenas a fechar a porta a Mona, mas também a um capítulo da sua vida que desejava nunca ter escrito.

Agora, ao ver as familiares cabanas Nissen do aeroporto e o desconhecido e novo terminal de *ferry* a brilhar à distância, Fin sentiu-se invadido por uma onda de emoção. Tinha passado tanto tempo, que não se sentia preparado para a enxurrada súbita de recordações que quase o derrubou.

2 Já ouvi pessoas que nasceram na década de 50 a descrever a sua infância em tons de castanho. Um mundo sépia. Cresci nas décadas de 60 e 70 e a minha infância é carmesim.

Vivíamos naquilo que era conhecido por uma casa branca, a quase um quilómetro da vila de Crobost. Fazia parte da comunidade à qual chamavam Ness, na extremidade norte da Ilha de Lewis, a ilha situada mais a norte do arquipélago das Ilhas Hébridais Exteriores da Escócia. As casas brancas foram construídas nos anos 20 e são de pedra e calcário, ou de blocos de betão, com telhados de lousa, placas de chapa ondulada ou feltro impregnado de alcatrão. Foram construídas para substituir as velhas casas negras. As casas negras tinham paredes de pedra com telhados de colmo e serviam de abrigo a pessoas e animais. No meio do chão de pedra da divisão principal ardia, de dia e de noite, uma fogueira com brasas de carvão. Esta divisão chamava-se a casa da fogueira. Não havia chaminés e o fumo devia sair por um buraco no telhado. Claro que não era uma estratégia muito eficiente e as casas estavam sempre cheias de fumos e vapores. Não admirava que a esperança média de vida fosse tão baixa.

O que restava da casa negra onde os meus avós paternos viviam estava agora no nosso jardim, a poucos metros de casa. Já não tinha telhado e a maior parte das paredes tinham caído, mas era um lugar ótimo para brincar às escondidas.

O meu pai era um homem muito prático, com uma mecha de cabelo negro e grosso e olhos muito azuis. Tinha a pele morena e no verão ficava da cor do alcatrão, porque passava a maior parte do dia na rua. Quando eu era muito novo, antes mesmo de ir para a escola, ele costumava levar-me para a praia para passar revista à areia. Na altura não o sabia, mas depois vim a saber que o meu pai estava desempregado. A indústria da pesca tinha sofrido uma contração e o barco com o qual ele trabalhava tinha sido vendido para a sucata. Por isso, ele tinha muito tempo vago e levantávamo-nos logo pela manhã e íamos para a praia à procura do que o mar pudesse ter trazido durante a noite. Madeira. Muita madeira. Em certa ocasião, o meu pai contou-me que conhecia um homem que construía toda a sua casa com madeira trazida pelo mar. Ele mesmo tinha encontrado ali a maior parte da madeira que utilizara para construir os quartos do sótão da nossa casa. O mar dava-nos muito. Também nos levava muito. Não havia praticamente mês nenhum em que não ouvíssemos notícias de alguma pobre alma que se afogara. De um acidente com um barco de pesca. De alguém que andava a tomar banho no mar e fora arrastado pela corrente. Ou de alguém que caía dos penhascos.

Depois das idas à praia, arrastávamos todo o tipo de coisas para casa. Cordas, redes de pesca, boias de alumínio, que o meu pai vendia aos sucateiros. E a recolha era ainda melhor depois das tempestades. Foi depois de uma delas que encontramos um grande cilindro de cento e setenta litros. Embora a tempestade já tivesse acalmado, o vento ainda soprava ve-lozmente, o mar ainda estava alto e revolto a atirar-se contra a costa. Grandes aglomerações de nuvens entrecortadas

corriam no céu a quase cem quilômetros por hora. E no meio delas o sol ia pintando a terra com brilhantes e fugidios tons de verde, carmesim e castanho.

Embora o cilindro não estivesse identificado, estava cheio e era muito pesado, e o meu pai ficou entusiasmado com o nosso achado. Mas era demasiado pesado para o conseguirmos movimentar sozinho, já que estava meio enterrado de esguelha na areia. Por isso, o meu pai arranhou um trator e um atrelado, assim como alguns homens para ajudar, e à tarde já o tínhamos de pé, direito, num dos edifícios exteriores da nossa pequena quinta. O meu pai não demorou muito tempo a abrir o cilindro e a descobrir que estava cheio de tinta. Tinta brilhante num tom carmesim claro. Foi por esse motivo que todas as portas, os armários, as prateleiras, as janelas e as tábuas de soalho da nossa casa foram pintados daquela cor. Durante todos os anos em que lá vivi.

A minha mãe era uma senhora adorável, com caracóis louros muito cerrados, os quais apanhava num rabo-de-cavalo. Tinha a pele pálida e cheia de sardas, os seus olhos eram de um castanho claro e não me lembro de a ver a usar maquilhagem uma única vez. Era uma pessoa gentil com um temperamento bem-disposto, mas, se a aborrecêssemos, também mostrava o seu temperamento feroz. Trabalhava na quinta. Esta abrangia uma área inferior a três hectares, que se estendiam numa faixa estreita e comprida desde a casa até à costa. Eram terras arenosas e férteis com bons pastos para as ovelhas, que constituíam por sua vez a maior parte do rendimento da quinta, através dos subsídios governamentais atribuídos à sua criação. A minha mãe também cultivava batatas, beterrabas e alguns cereais, assim como feno e forragem. A imagem mais presente que tenho dela é uma em que está sentada no trator, de macacão azul e galochas pretas, a sorrir constrangida para o fotógrafo do jornal local por ter ganho um prémio qualquer no concurso de Ness.

Quando fui para a escola, já o meu pai tinha arranjado emprego no estaleiro da nova fábrica de óleo em Arnish Point, Stornoway. Ele e um punhado de homens da aldeia saíam cedo todas as manhãs e faziam a longa viagem até à cidade numa carrinha branca. Por isso, foi a minha mãe que me levou à escola no primeiro dia de aulas, no nosso velho e enferrujado Ford Anglia. Estava tão entusiasmado. O meu melhor amigo era o Artair Macinnes e ele estava tão ansioso por começar a escola como eu. Tínhamos apenas um mês de diferença e a casa dos pais dele era a mais próxima da nossa pequena quinta. Por isso, nos dias que antecederam o início das aulas, passávamos muito tempo juntos. Porém, os meus pais e os dele nunca foram os melhores amigos. Acho que era uma questão de diferença de estatuto social. O pai do Artair era professor na Escola de Crobost, onde se ensinavam não só os primeiros sete anos de escolaridade, como também os primeiros dois do ensino secundário. Ele era professor destes últimos anos e lecionava Matemática e Inglês.

Lembro-me de que estava um alegre dia de setembro, com nuvens baixas a roçar e a beijar a terra. Podia cheirar-se a chuva que vinha puxada pelo vento. Eu tinha um corta-vento castanho de capuz e umas calças curtas, que sabia que me iriam irritar a pele se ficassem molhadas. As galochas pretas roçavam-me nas barrigas das pernas e balancei o saco de lona novo por cima do ombro, com uns chinelos e o farnel lá dentro. Estava pronto para me ir embora.

A minha mãe estava a tirar o Anglia de marcha-atrás do abrigo de madeira que nos servia de garagem, quando uma buzina se fez ouvir por cima do uivar do vento. Quando me virei, vi o Artair e o pai a pararem no seu Hillman Avenger cor de laranja brilhante. O carro era em segunda mão, mas parecia novo e punha o nosso velhinho Anglia no bolso. O senhor Maccines deixou o motor ligado, saiu do carro e

atravessou a estrada para falar com a minha mãe. Um instante depois, chegou, pousou-me a mão no ombro e disse-me que ele e o Artair me davam boleia para a escola. Só quando o carro já se estava a afastar e me virei para ver a minha mãe de pé a acenar, é que me apercebi de que não me tinha despedido dela.

Agora já sei o que se sente no dia em que o nosso filho vai para a escola pela primeira vez. Há uma estranha sensação de perda, de mudança irreversível. E agora, ao rever esse momento, sei que foi exatamente isso que a minha mãe sentiu. Estava espelhado no seu rosto, assim como o arrependimento de ter perdido o momento, sem saber muito bem como.

A Escola de Crobost localizava-se num vale por baixo da vila, virada para norte em direção a Port of Ness, na sombra da igreja que dominava os contornos da povoação, na colina. A escola era rodeada por pastos amplos e ao longe podia ver-se ainda a torre do farol em Butt. Em alguns dias, era possível ver o continente através do Minch, com o ténue contorno das montanhas visível no horizonte distante. Dizia-se que, quando se conseguia ver o continente, iria ficar mau tempo. E era sempre verdade.

A escola primária de Crobost tinha cento e três alunos e a secundária oitenta e oito. Naquele dia, eu e mais onze crianças de rosto viçoso começámos as aulas, sentados na sala em duas filas de seis carteiras cada, uma atrás da outra.

A nossa professora era a senhora Mackay, que era magra, de cabelo grisalho, e devia ser bastante mais nova do que parecia. Eu achava que ela era uma verdadeira anciã. A bem da verdade, a senhora Mackay era uma professora meiga, mas exigente, e por vezes tinha uma maneira de falar absolutamente cáustica. A primeira coisa que perguntou na sala de aulas foi se havia alguém que não falasse inglês. Claro que eu já tinha ouvido falar inglês, mas em casa a única língua que usávamos

era o gaélico e o meu pai não queria ter uma televisão, por isso, não percebi uma palavra do que ela disse. O Artair levantou o braço, com um sorriso convencido no rosto. Ouvi o meu nome e todos os olhos presentes na sala se viraram para mim. Não era preciso ser um génio para perceber o que o Artair lhe tinha dito. Senti o meu rosto a corar.

– Muito bem, Fionnlagh – disse a senhora Mackay, em gaélico, – parece que os teus pais não tiveram o bom senso de te ensinar inglês antes de vires para a escola. – A minha reação imediata foi de fúria para com a minha mãe e o meu pai. Por que motivo é que eu não sabia falar inglês? Eles não sabiam o quanto aquela situação era humilhante? – Ficas já a saber que nas aulas só falamos em inglês. Não que o gaélico tenha algum problema, mas as coisas agora são assim. E vamos descobrir muito depressa se aprendes depressa ou não. – Nem consegui levantar os olhos da carteira. – Vou começar por te dar o teu nome em inglês. Sabes como se diz?

Levantei a cabeça, numa espécie de provocação.

– Finlay. – Sabia o nome porque era o que os pais do Artair me chamavam.

– Muito bem. E uma vez que a primeira coisa que vou fazer hoje é preencher as folhas de presença, podes dizer-me qual é o teu segundo nome.

– Macleoid. – Pronunciei o nome com a fonética gaélica, que aos ouvidos de um inglês soava um pouco como *Macloodge*.

– Macleod – corrigiu-me a professora. – Finlay Macleod. – Depois passou a falar inglês e foi dizendo os nomes dos meus colegas. Macdonald, Macinnes, Maclean, Macritchie, Murray, Pickford... Todos os olhares se viraram para o rapaz que se chamava Pickford e a senhora Mackay disse-lhe qualquer coisa que fez com que toda a turma se risse. O rapaz corou e balbuciou uma resposta incompreensível qualquer.

– Ele é inglês – murmurou uma voz ao meu lado, em gaélico. Virei-me, surpreendido, e dei por mim a olhar para uma rapariga pequena e bonita com cabelo claro apanhado em dois rabos-de-cavalo ondulados ao lado da cabeça, com um laço azul em cada um. – Ele é o único que tem um nome que não começa por *M*, sabes? Por isso deve ser inglês. A senhora Mackay disse que ele devia ser o filho do faroleiro, porque os faroleiros são sempre ingleses.

– O que estão aí os dois a bichanar? – A voz da senhora Mackay era austera e as palavras em gaélico tornavam-na ainda mais intimidante, porque as conseguia entender perfeitamente.

– Por favor, senhora Mackay – disse a trancinhas. – Eu só estava a traduzir para o Finlay.

– Oh, a traduzir, é? – A voz da senhora Mackay estava impregnada de um espanto trocista. – Mas que atitude tão elevada numa menina tão pequena. – Parou para consultar a folha de presenças. – Eu ia sentar-vos por ordem alfabética, Marjorie, mas o melhor é continuares sentada ao lado do Finlay... para *traduzires* para ele.

A Marjorie sorriu, muito satisfeita consigo mesma e sem perceber o tom irónico da professora. Quanto a mim, fiquei bastante contente por estar sentado ao lado de uma menina bonita com rabos-de-cavalo. Olhei para o outro lado da sala e vi o Artair a fitar-me, furioso. Na altura pensei que era porque queria ficar sentado ao meu lado. Mas hoje sei que foi porque sentia ciúmes.

No intervalo, decidi interrogá-lo quando estávamos a brincar.

– Por que é que foste contar que eu não sei falar inglês?

No entanto, ele não se deixou afetar.

– Então, eles iam acabar por descobrir, não iam? – Tirou

um pequeno inalador azul do bolso, colocou o bucal na boca e inspirou enquanto pressionava o tubo contra o botão de descarga. O gesto não me fez a menor espécie. Desde que o conhecia que andava sempre com uma bomba atrás. Os meus pais disseram-me que o Artair era asmático, mas naquela altura o facto não tinha grande significado para mim. Sabia apenas que por vezes ele tinha alguma dificuldade em respirar e que se utilizasse a bomba acabava por ficar bem.

Um rapaz corpulento e ruivo tirou-lhe a bomba de asma da mão.

– O que é isto? – Segurou-a contra a luz, como se fosse capaz de ver os seus segredos através do dispositivo. Foi o meu primeiro contacto com o Murdo Macritchie. Era mais alto e entroncado do que os restantes rapazes e tinha uma melena de cabelo farto cor de cenoura. Descobri mais tarde que lhe chamavam Murdo Ruadh. *Ruadh* é a palavra gaélica para *vermelho*. Era conhecido, literalmente, por Murdo Vermelho. Servia para o distinguir do pai, que também se chamava Murdo Macritchie. Tinha cabelo preto e chamavam-lhe Murdo Dubh. Toda a gente acabava por ter uma alcunha, porque muitos dos sobrenomes eram iguais. O Murdo Ruadh tinha um irmão, Angus, um par de anos mais velho do que nós. Chamavam-lhe Angel («Anjo»), porque era o rufia de serviço da sua turma, e o Murdo Ruadh estava a seguir o mesmo caminho do irmão.

– Dá cá isso! – O Artair tentou recuperar a bomba, mas o Murdo segurou-a ao alto, fora do alcance do Artair. Embora fosse um rapaz robusto, não conseguia competir com o Murdo, que atirou a bomba a outro rapaz, que por sua vez a mandou a um terceiro, que a voltou a atirar ao Murdo. Este, como todos os rufias, já atraía um bando de seguidores, da mesma forma que a merda atrai as moscas. Eram rapazes de cabeças fracas, mas suficientemente espertos para assim evitarem fazer parte do grupo das vítimas.

– Então anda cá buscá-la, ó passarinho. – O Murdo Ruadh estava a provocá-lo. Quando o Artair tentou agarrar a bomba, ele atirou-o a uma das suas moscas.

Conseguia ouvir aquele ruído distinto que o peito do Artair fazia enquanto este tentava perseguir a bomba, com o pânico e a humilhação a erguerem-se em conjunto para lhe bloquear a respiração. Agarrei num dos acólitos e tirei-lhe a bomba das mãos.

– Toma. – Entreguei-a novamente ao meu amigo. – O Artair inspirou várias vezes. Senti uma mão no colarinho e uma força irresistível enviou-me em direção à parede. A argamassa rija fez com que um fio de sangue comesse a escorrer pela parte de trás da minha cabeça.

– Com quem é que pensas que te estás a meter, ó gaélico? – O rosto do Murdo Ruadh estava a cinco centímetros do meu e conseguia sentir o cheiro a podre do hálito dele. – Não sei falar inglês. Não sei falar nada. – Embora na altura não me tenha apercebido, o mais irónico de tudo é que os insultos dele me eram dirigidos em gaélico. Era a língua que se falava no recreio. Só falávamos inglês nas aulas.

– Deixa-o em paz! – A voz pertencia a um rapazinho pequeno, mas transportava tanta autoridade, que abafou o alarido dos rapazes que se haviam acumulado para me ver levar um enxerto do Murdo. Uma expressão de confusão toldou o rosto grande e feio do Murdo Ruadh. Era a segunda vez, no espaço de um minuto, que alguém o desafiava. Ia ter de colocar um fim àquilo. Largou-me o colarinho e virou-se. O rapaz não era maior do que eu, mas havia qualquer coisa na sua postura que fez com que o Murdo Ruadh parasse de repente. A única coisa que se ouvia era o ruído do vento e os risos das raparigas que saltitavam do outro lado do recreio. Toda a gente estava de olhos postos no Murdo. E ele sabia que a sua reputação estava em jogo.

– Se estiveres com problemas... mando chamar o meu irmão mais velho.

Tive vontade de rir.

O outro rapaz aguentou o olhar do Murdo e dava para ver que este último se sentia perturbado com a atitude.

– Se quiseres ir a correr chamar o teu maninho... – o rapaz disse *maninho* com enorme desdém – então o melhor é eu contar tudo ao meu pai.

Por baixo do cabelo ruivo desganhado, o Murdo começou a empalidecer.

– Bem... basta... basta que te afastes de mim. – Era uma resposta débil e toda a gente sabia disso. Começou a abrir caminho por entre os grupos e atravessou o recreio com os seus seguidores a arrastar os pés atrás dele, pensando naquele momento que talvez tivessem apostado no cavalo errado.

– Obrigado – agradei ao rapaz, quando o grupo se começou a dispersar.

Ele limitou-se a encolher os ombros, como se aquilo não fosse nada.

– Não suporto estes rufias de merda. – Era a primeira vez que ouvia alguém a dizer asneiras. Enterrou as mãos nos bolsos e encaminhou-se para o anexo.

– Quem é? – perguntei ao Artair.

– Não sabes? – O Artair estava espantado. Eu abanei a cabeça. – É o Donald Murray. – A sua voz era um sussurro inundado de admiração. – É o filho do vigário.

Naquele instante, a campainha começou a tocar e voltámos todos para a sala de aulas. Foi pura sorte, na verdade, mas, quando ia a passar mesmo em frente à porta do gabinete do diretor, ele abriu-a e olhou para a torrente de alunos que enchia o corredor, à procura de um candidato adequado.

– Tu, rapaz. – Apontou o dedo na minha direção. Parei imediatamente e ele enfiou-me um envelope nas mãos.

Não fazia ideia do que tinha dito a seguir e limitei-me a ficar ali, completamente em pânico.

– Ele não fala inglês e a senhora Mackay disse que eu tinha de traduzir tudo para ele. – Marjorie estava a pairar junto ao meu ombro como um anjo da guarda. Quando me virei para olhar para ela, ofereceu-me um sorriso radiante.

– Ai sim? Traduzir, hum? – O diretor olhou para nós com interesse, erguendo o sobrolho com uma severidade fingida. Era um homem alto e careca, com óculos em forma de meia-lua e usava sempre fatos de *tweed* cinzentos um tamanho acima do seu. – Então o melhor é apressares-te a ir com ele, minha menina.

– Sim, senhor Macaulay. – Era impressionante como ela parecia saber o nome de toda a gente. – Vamos, Finlay. – Enfiou o braço no meu e conduziu-nos novamente em direção ao recinto do recreio.

– Para onde vamos?

– O bilhete que tens na mão é uma encomenda para a Loja de Crobost, para reabastecerem a loja da cantina.

– A loja da cantina? – Não fazia a menor ideia de que é que ela estava a falar.

– Mas tu não sabes nada, estúpido? A loja da cantina é onde compramos os doces, as batatas fritas, as limonadas e essas coisas. Fica aqui na escola. Para não andarmos para cima e para baixo na estrada, daqui até à loja, e não nos arriscarmos a levar com um carro em cima.

– Oh. – Acenei com a cabeça e questionei-me como sabia ela estas coisas todas. Só algum tempo depois vim a descobrir que ela tinha uma irmã mais velha que já andava na escola primária. – Então, assim só nós é que nos arriscamos a levar com um carro em cima?

Ela riu-se.

– O velho Macaulay deve ter achado que eras um menino sensível.

– Olha, pois bem se enganou. – Lembrei-me do meu recente confronto com o Murdo Ruadh. Ela riu-se outra vez.

A Loja de Crobost ficava num velho celeiro de pedra, a menos de um quilómetro, ao fundo da estrada. Situava-se numa esquina com a estrada principal. Tinha duas montras pequenas, que pareciam sempre vazias, e uma porta estreita no meio, que se abria para o interior da loja. Podíamos vê-la ao longe, ao lado de um barracão de pedra com um telhado de chapas onduladas, vermelhas cor de ferrugem. A estrada, de uma única faixa, era comprida e reta, sem passeios e delineada por postes apodrecidos das cercas de madeira, que se inclinavam em vários ângulos. A cerca fazia um triste trabalho a tentar manter as ovelhas longe da estrada. As ervas altas ao longo das valas estavam queimadas e vergadas pelo vento e as urzes estavam praticamente mortas. Na encosta mais à frente, as casas espalhavam-se ao longo da estrada principal como contas quadradas num fio, sem árvores ou arbustos que suavizassem as arestas rudes. Encontravam-se apenas as vedações tortas e as carcaças apodrecidas de carros velhos e tratores avariados.

– Então, vives em que parte de Crobost? – perguntei à Marjorie.

– Não vivo aqui. Vivo na Quinta Mealanais. Fica a mais ou menos três quilómetros de Crobost. – Baixou a voz de tal forma, que mal a conseguia ouvir por baixo do vento. – A minha mãe é inglesa. – Era como se me estivesse a contar um segredo. – É por isso que falo inglês sem pronúncia gaélica.

Encolhi os ombros, questionando-me por que motivo me estava a contar aquilo.

– Nunca iria dizê-lo.

Ela deu uma gargalhada.

– Claro que não.

Estava frio e a começar a chover, por isso puxei o capuz para cima, olhando de soslaio para a rapariga com os rabos-de-cavalo.

Estavam a ser soprados para trás pelo vento e ela parecia estar a gostar do frio que lhe picava o rosto. Tinha as bochechas muito vermelhas.

– Marjorie. – Levantei a voz para se ouvir por cima do vento. – É um nome bonito.

– Eu detesto-o. – Olhou furiosa para mim. – É o meu nome inglês. Mas ninguém me chama isso. O meu nome verdadeiro é Marsaili. – Como fazia com *Marjorie*, colocou ênfase na primeira sílaba, com o *s* a tornar-se num suave *sh*, como sempre acontecia no gaélico quando um *s* seguia um *r*, uma herança nórdica pelos duzentos anos ao longo dos quais os *vikings* dominaram as ilhas.

– Marsaili – tentei dizê-lo, para ver se me enchia a boca, e gostei muito do som do nome. – É ainda mais bonito.

Ela atirou-me um olhar envergonhado, com os suaves olhos azuis a cruzarem-se com os meus por um instante e, depois, a afastarem-se a dançar.

– E tu, gostas do *teu* nome inglês?

– Finlay? – Ela acenou com a cabeça. – Não.

– Então chamo-te Fin. Que tal?

– Fin. – Mais uma vez, avalei o peso do nome. Era curto, mas direto. – Está bem.

– Ótimo. – A Marsaili sorriu. – Então vai ser esse o teu nome.

E foi assim que a Marsaili Morrison me deu o nome que ficaria comigo para o resto da vida.

Naquele tempo, durante a primeira semana de aulas, os alunos mais novos só ficavam até à hora do almoço. Almoçávamos e depois íamos para casa. E, embora eu e o Artair tivéssemos ido de carro para a escola naquela primeira manhã, deveríamos ir para casa a pé. Era pouco mais de um quilómetro e meio. O Artair estava à minha espera junto ao portão.

Fiquei para trás porque a senhora Mackay me chamou para me dar um bilhete para entregar aos meus pais. Vi a Marsaili ao cimo da rua, a caminhar sozinha. Tínhamos ficado encharcados no caminho de regresso da loja e passámos o resto da manhã sentados junto ao radiador para ver se secávamos. A chuva tinha parado de cair.

– Despacha-te, fiquei à tua espera. – O Artair estava ansioso por voltar para casa. Queria que fôssemos procurar caranguejos nas poças das rochas, perto da sua casa.

– Eu vou pela Quinta Mealanais – disse-lhe. – É um atalho.

– O quê? – Olhou para mim como se eu fosse maluco. – Mas isso vai demorar horas!

– Não vai nada. Posso cortar pela estrada Cross-Skigersta. – Não fazia ideia de que estrada era aquela, mas a Marsaili tinha-me dito que era a maneira mais rápida de ir de Mealanais a Crobost.

Nem sequer esperei que ele reclamasse e desatei a correr pela estrada acima atrás da Marsaili. Quando finalmente a alcancei, estava sem fôlego. Ela olhou para mim e sorriu.

– Pensei que ias para casa com o Artair.

– Pensei que podia ir contigo por Mealanais – disse, com a maior descontração. – É um atalho.

Ela não pareceu de todo convencida.

– É muito longe para ser um atalho. – Encolheu levemente os ombros. – Mas não te posso impedir de caminhares ao meu lado, se é isso que queres fazer.

Sorri interiormente e resisti ao impulso de dar um murro no ar. Olhei para trás e vi o Artair a fitar-nos furiosamente.

A estrada para a quinta ramificava-se no lado oposto da estrada principal antes do cruzamento para Crobost. Salpicada por alguns locais de passagem, serpenteava para sudeste, através das turfeiras, até onde a vista alcançava. Mas ali o terreno era mais elevado e se olhássemos para trás conseguíamos

ver a estrada até Swainbost e Cross. Para lá deste ponto, o mar quebrava-se em ondas brancas ao longo da costa oeste por baixo de uma floresta de lápides que se erguiam ermas contra o céu no cemitério de Crobost. A parte norte de Lewis era plana e isenta de colinas ou montanhas; o tempo parecia atravessá-la com grande pressa, vindo do Atlântico e indo até ao Minch. Por isso, a paisagem mudava constantemente. Luz e sombras em padrões que se sucediam, uns contra os outros, chuva, sol, céu negro, céu azul. E arco-íris. A minha infância parecia estar recheada de arco-íris. Normalmente duplos. Naquele dia vimos um que se formou por cima da turfeira, com as cores vívidas contra o mais negro dos céus negros. Afastava qualquer necessidade de palavras que pudessemos ter.

Depois, a estrada inclinava-se por uma colina suave até uma aglomeração de edifícios localizados numa pequena cova. Ali, as vedações estavam em melhor estado e havia gado e ovelhas a pastar nos campos. Havia um celeiro alto de telhado vermelho e uma casa de campo grande e branca, rodeada por uma série de pequenos anexos de pedra. Parámos junto a um portão pintado de branco que dava para um caminho de terra em direção à casa.

– Queres entrar para beber uma limonada? – perguntou a Marsaili.

Mas naquela altura já eu estava doente de preocupação. Não fazia ideia de onde estava ou de como iria dali para casa. E sabia que iria chegar muito tarde. Até já conseguia sentir a fúria da minha mãe.

– É melhor não – olhei para o relógio, tentando não parecer preocupado. – Já vou chegar um bocadinho tarde a casa.

A Marsaili acenou com a cabeça.

– É o que acontece quando nos metemos em atalhos. Fazem-nos sempre chegar tarde. – Sorriu-me alegremente.

– Se quiseres, podes vir cá a casa no sábado de manhã para brincarmos.

Pontapeei um pedaço de turfa com a galocha e encolhi os ombros, fazendo-me difícil.

– Vou pensar nisso.

– Faz como quiseres. – E virou-se, dirigindo-se subitamente pelo caminho de terra até à grande casa branca.

Nunca soube muito bem como consegui encontrar o caminho para casa naquele primeiro dia, porque, depois de Mealanais, a estrada acabou junto de um caminho de pedra. Estava a percorrê-lo já há algum tempo com uma sensação de desespero cada vez maior, quando vi o tejadilho de um carro a brilhar ali perto. Corri pela encosta acima e dei comigo no que devia ser a estrada que ligava Cross a Skigersta acerca da qual a Marsaili me tinha falado. Olhando para um lado e para o outro, a estrada parecia desaparecer pelo meio dos campos de turfa. Não sabia para que lado devia ir. Estava assustado e à beira das lágrimas. Uma mão invisível deve ter-me guiado para a esquerda, porque, se tivesse virado para a direita, nunca teria chegado a casa.

Mesmo assim, passaram-se mais de vinte minutos até ter chegado a um cruzamento onde uma placa torta, branca e preta, apontava de modo incerto para Crobost. Naquela altura já ia a correr, com a parte de cima das galochas a esfregarem-se nas barrigas das pernas, deixando-as em carne viva. Cheirei e ouvi o mar antes de o conseguir ver. Depois, quando cheguei ao cimo da estrada, lá estava a silhueta familiar da Igreja Livre de Crobost a pairar sobre a coleção díspar de casas e pequenas quintas que se amontoavam em seu redor junto à estrada do penhasco.

Quando cheguei à nossa casa, a minha mãe estava a sair com o Ford Anglia. O Artair estava no banco de trás. Ela

saltou do carro e agarrou-me como se eu me pudesse evaporar com o vento. Mas o alívio da minha mãe transformou-se rapidamente em fúria.

– Pelo amor de Deus, Fionnlagh, onde te meteste? Já fui e vim duas vezes à escola à tua procura. Estava prestes a perder o juízo. – Limpou-me as lágrimas do rosto, enquanto eu tentava impedir que mais se escapassem dos meus olhos. O Artair tinha saído do carro e olhava-me agora com grande interesse. A minha mãe olhou de relance para ele. – O Artair veio à tua procura depois das aulas e não sabia onde tu estavas.

Olhei para ele e tomei uma nota mental: no que dizia respeito às raparigas, ele não era de confiança.

– Acompanhei a rapariga da Quinta Mealanais a casa. Só não sabia que iria demorar tanto tempo.

A minha mãe ficou aterrada.

– Mealanais? Fionnlagh, onde estavas com a cabeça? Nunca mais voltas a fazer uma coisa dessas!

– Mas a Marsaili convidou-me para ir brincar com ela no sábado de manhã.

– Pois, mas proíbo-te de ires! – A minha mãe assumiu um ar austero. – É demasiado longe e nem o teu pai nem eu temos tempo para andar contigo para cima e para baixo. Estás a entender?

Acenei com a cabeça, tentando não chorar; subitamente, a minha mãe teve pena de mim e deu-me o mais caloroso dos abraços, com os lábios suaves a tocarem no meu rosto, que queimava. Foi nesse momento que me lembrei do bilhete que a senhora Mackay me tinha dado. Procurei-o no bolso e entreguei-o à minha mãe.

– O que é isto?

– É um bilhete da professora.

A minha mãe franziu o sobrolho, pegou no bilhete e abriu-o. Observei-a enquanto o seu rosto corava, e depois dobrou

o bilhete e guardou-o no bolso do macacão. Nunca cheguei a saber o que dizia o bilhete, mas, daquele dia em diante, na nossa casa passou a falar-se apenas em inglês.

Na manhã seguinte, o Artair e eu fomos para a escola a pé. O pai dele tinha de ir a Stornoway para uma reunião qualquer da escola e a minha mãe estava a ter problemas com uma das ovelhas. Fomos a maior parte do caminho em silêncio, fustigados pelo vento, mas aquecidos pelos breves raios de sol que surgiam. O mar estava a banhar a areia da praia com cristas brancas. Estávamos quase no sopé da colina quando eu disse:

– Por que é que fizeste de conta que não sabias onde eu estava e não disseste à minha mãe que tinha ido por Mealanais?

O Artair bufou com indignação.

– Eu sou mais velho do que tu. Ia ficar com as culpas por te ter deixado ir.

– Mais velho do que eu? Só tens mais quatro semanas!

O Artair inclinou a cabeça e abanou-a com grande solenidade, como o velhote que cirandava pelas imediações da Loja de Crobost aos sábados de manhã.

– Quatro semanas é muito tempo.

Não me convenceu.

– Bem, disse à minha mãe que hoje ia brincar para a tua casa, depois da escola. Por isso, é bom que me apoies.

Ele olhou para mim, surpreendido.

– Queres dizer que não vais? – perguntou. E eu respondi que não, abanando a cabeça. – Então vais para onde?

– Vou acompanhar a Marsaili a casa. – E atirei-lhe um olhar que o desafiava a protestar.

Voltámos a caminhar em silêncio até chegarmos à estrada principal.

– Não sei porque queres acompanhar as raparigas a casa.

– O Artair não estava nada satisfeito com aquilo. – É uma parvoíce. – Não lhe respondi; atravessámos a estrada principal

e percorremos o caminho estreito que ia dar à escola. Havia mais crianças no caminho, vindas de todas as direções e a caminarem em grupos de dois ou três com destino à pequena aglomeração de edifícios da escola, lá ao longe. Subitamente, o Artair disse:

– Pronto, está bem.

– O que é que está bem?

– Se a tua mãe perguntar, digo-lhe que foste brincar para a minha casa.

Olhei para ele de relance, mas ele evitou fitar-me.

– Obrigado.

– Mas com uma condição.

– Qual?

– Também quero ir contigo acompanhar a Marsaili a casa.

Franzi o sobrolho com consternação e olhei demorada e austeramente para ele. Mas ele continuava a evitar olhar para mim. Se era uma *parvoíce*, por que motivo também queria acompanhar a Marsaili a casa?

Claro que, tantos anos depois, sei perfeitamente porquê. Mas não fazia ideia de que a nossa conversa naquela manhã marcara o início de uma competição pelo afeto da Marsaili que se arrastaria pelos anos de escola e até para lá deles.